

Fonte Jornal do Brasil Class.: 25Data 28 de Outubro de 1991 Pg.: 5

Balbina, Centro de Proteção Ambiental — Luiz Antônio

## Balbina, o desperdício de US\$ 9 milhões

### ● Obras ambientais da hidrelétrica estão entregues ao abandono

Ronaldo Brasiliense

**B**ALBINA, AM — Quase 9 milhões de dólares investidos em obras de infraestrutura para projetos ambientais foram desperdiçados na hidrelétrica de Balbina, no Amazonas, a 150 quilômetros de Manaus. Uma delas, o Centro de Proteção Ambiental (CPA) — obra premiada do arquiteto Severiano Porto, construído exclusivamente com madeiras tropicais amazônicas retiradas da área inundada pelo lago da hidrelétrica —, está entregue ao abandono. Custou aos cofres públicos US\$ 2 milhões 830 mil e deveria ser um avançado centro de pesquisas que, até hoje, não vingou.

A estação de piscicultura, onde foram aplicados US\$ 3,5 milhões, com capacidade para produzir até quatro milhões de alevinos/ano, também está desativada. O mesmo ocorre com o Projeto Peixe-Boi, no qual a Eletronorte gastou US\$ 1,9 milhão em obras civis e, nos últimos dois anos, nada foi feito. Todos juntos somam aproximadamente US\$ 9 milhões, aplicados em projetos que não decolaram. Um desperdício do dinheiro do contribuinte.

Os três projetos exemplificam também o descaso com a questão ambiental existente em Balbina, hidrelétrica construída no rio Uatumã, com investimentos superiores a US\$ 1 bilhão, que inundou uma área equivalente a do lago de Tucuruí (246 mil hectares), no Pará, para gerar 30 vezes menos energia — apenas 250 megawatts, insuficientes até mesmo para garantir o abastecimento de Manaus. "Fizemos a nossa parte e não temos culpa se ninguém se dispõe a assumir a

estrutura para os projetos ambientais que construímos", justifica-se o geólogo Adelino Sathler, gerente do Setor de Proteção Ambiental de Balbina.

A Eletronorte tentou firmar convênio com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) para que este assumisse o Projeto Peixe-Boi, mas não conseguiu: o INPA preferiu levar adiante um projeto próprio. Agora, a Eletronorte tenta se conveniar com o governo do Amazonas para que se responsabilize pelo Projeto de Piscicultura, porém nada está definido — embora toda a estrutura montada pela Eletronorte esteja concluída há mais de um ano.

Outro projeto que não foi para a frente em Balbina: a Universidade do Trópico Úmido (Unitrop), criada pelo ex-governador do Amazonas, Vivaldo Frotá. Nem mesmo a tentativa da Eletronorte de publicar edital convidando empresas para retirarem a madeira do lago de Balbina deu certo. Nenhuma madeireira se habilitou e milhares de árvores apodrecem nas águas do reservatório.

Balbina responde atualmente com apenas 68% da energia consumida por Manaus, que continua tendo que recorrer a usinas termoeletricas, grandes consumidoras de petróleo, para atender à demanda da cidade, principalmente das mais de 100 grandes indústrias instaladas no distrito industrial de Manaus. De positivo, mesmo, apenas dois fatos. A energia de Balbina propicia uma economia de US\$ 120 milhões anuais em consumo de petróleo nas termoeletricas da capital amazonense. E 10 toneladas de peixe são retiradas semanalmente de seu reservatório, com 17 bilhões de metros cúbicos de água. O aumento da quantidade de peixes foi um fenômeno que ocorreu também no lago de Tucuruí que, agora no entanto, enfrenta a proliferação de mosquitos para infestizar a vida da população ribeirinha.

### ● Relatório analisa o possível esvaziamento gradual da represa

**R**esponsável pela inundação de uma área de 239 mil hectares de floresta tropical úmida, o lago de Balbina cobriu 30 mil hectares da reserva indígena Waimiri-Atroari, que teve de ser remanejada. Além de milhões de dólares em madeira nobre, as águas escuras represadas do rio Uatumã sepultaram ainda 141 sítios arqueológicos de valor incalculável. "Financiamos um desastre irreparável", chegou a reconhecer o ex-presidente do Banco Mundial (Bird), Cornan Bable.

No ano passado, os engenheiros Roberto Hukai e Diomedes Christodoulou, diretores da Tecnoplan, empresa de consultoria de São Paulo que realiza trabalhos para diversas companhias, inclusive a Jaakko Poyry Engenharia Ltda, também paulista, desenvolveram detalhadamente o que se denominou de *Project Amazon*, um estudo científico sobre o possível esvaziamento do reservatório da hidrelétrica de Balbina. O documento foi encaminhado ao ex-secretário de Ciência e Tecnologia e atual secretário de Educação, José Goldemberg, em papel timbrado da Jaakko Poyry.

"A vegetação amazônica tem uma capacidade de recomposição extraordinária", afirma o relatório do *Project Amazon*. "Três meses após a emersão da terra antes inundada, a vegetação começa a surgir a olhos vistos", acrescenta. Segundo o estudo, a recomposição da floresta se fará, entre outros, através de morcegos não-vampiros que se alimentam de frutas e espalham sementes; pelos passarinhos como vetor de sementeação. "Em três anos, uma vegetação pioneira de três a cinco metros de altura deverá estar

formada. Em meio ano uma vegetação primária evitaria erosões", assegura, mostrando ainda que, sob o ponto de vista fitológico, é viável a recomposição vegetal da área do reservatório esvaziada sem danos ecológicos, desde que se faça gradativamente.

"Um esvaziamento súbito teria consequências ecológicas danosas", alerta o estudo. Se realizado antes das chuvas, a erosão seria enorme, entupindo canais e turbinas da represa". Sugere então que o esvaziamento se faça ao longo de dois a quatro anos. Em seguida, defende a construção de uma usina termoeletrica movida a gás no Amazonas, utilizando-se das reservas de 100 bilhões de metros cúbicos de gás já cubados pela Petrobrás na região do Rio Urucu, a 600 km de Manaus.

O *Project Amazon* revela ainda que o grande benefício econômico da usina movida a gás seria a prorrogação pelo prazo de 20 anos de dois grandes projetos hidrelétricos que a Eletronorte pretende desenvolver na Amazônia: Ji-Paraná, em Rondônia, e Cachoeira Porteira, no rio Trombetas, no oeste do Pará, que prevêem investimentos de US\$ 2 a US\$ 2,5 bilhões. "Isso, em tempo de escassez de capital e oposição da comunidade ecológica mundial", destaca.

Mesmo reconhecendo que a usina a gás emitiria CO2 para a atmosfera, o relatório assinala que, em compensação, se poderia "aposentar as ineficientes usinas térmicas de Manaus (UTM-1, UGA, UTM-2 e Eletron) e a de Rondônia (UTE Rio Madeira gás), que também produzem CO2". Por fim, o *Project Amazon* deixa claro que a usina a gás do Urucu propiciaria a criação de um corredor de desenvolvimento racional da economia da região, ao longo da rodovia BR-319 (Manaus-Porto Velho), integrando por via terrestre o pólo industrial de Manaus com o centro-oeste.

### ● Unitrop, a tentativa de criar um centro mundial de pesquisas

**P**ara tentar corrigir os equívocos cometidos no que muitos consideram o maior desastre ecológico já realizado na Amazônia — a construção de Balbina, condenada hoje até mesmo por técnicos da Eletronorte e pelo Banco Mundial, que a financiou —, o governo brasileiro criou na área de influência da hidrelétrica uma reserva biológica, a fim de que os pesquisadores possam aprender com os erros.

O governo do Amazonas, por outro lado, fundou a Universidade do Trópico Úmido (Unitrop) em outubro de 1990, colocando na direção o meteorologista Luiz Carlos Moulion, com doutorado na Universidade de Wisconsin, Estados Unidos, funcionário do quadro de carreira do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Mais de um ano depois, porém, a Unitrop ainda não decolou. Hoje transformada em fundação de amparo à pesquisa e ao ensino, a Unitrop negocia com instituições da Espanha e Itália os recursos necessários para se consolidar. "O Inpa não topou assumir os projetos feitos em Balbina por razões que desconheço", revela Luiz Carlos Moulion.

Instalada num escritório da Secretaria de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia do Amazonas, a Unitrop vem cadastrando pesquisas e pesquisadores para tentar começar a funcionar em 1992, assumindo a estrutura ambiental construída em Balbina. "Nossa meta é transformar Balbina num grande centro mundial de pesquisas, implantando projetos para a produção de peixes e répteis aquáticos e estudando questões importantes, entre elas o manejo da floresta tropical de terra firme, como a existente na região, e procurando aprender com os erros cometidos", diz Moulion.